



**QUEM CONSTRÓI O “CÂNONE INTERNACIONAL” DAS
LITERATURAS AFRICANAS EM PORTUGUÊS? TRADUÇÃO,
INSTITUIÇÕES E ASSIMETRIAS NORTE/SUL**

*WHO SHAPES THE “INTERNATIONAL CANON” OF AFRICAN LITERATURES
IN PORTUGUESE? TRANSLATION, INSTITUTIONS AND NORTH/SOUTH
ASYMMETRY*

*QUIEN CONSTRUYE EL “CANON INTERNACIONAL” DE LAS
LITERATURAS AFRICANAS EN PORTUGUÉS? TRADUCCIÓN,
INSTITUCIONES Y ASIMETRÍAS NORTE/SUR*

Marco Bucaioni¹

RESUMO:

Este artigo visa apresentar alguns dados sobre a dimensão e a estrutura da tradução de obras de literatura africana do português para as principais línguas europeias, para depois problematizar estes resultados à luz de algumas ferramentas teóricas: o conceito-chave de literatura-mundo, assim como enquadrado, por um lado, pelo Warwick Research Collective (*Combined and Uneven Development*) e, por outro, por Pascale Casanova na *República Mundial das Letras*. Recolhendo também a herança do *Cultural Turn* dos Estudos de Tradução (André Lefevere e Lawrence Venuti), vemos como a troca literária a partir da África de língua portuguesa segue linhas determinadas por uma reescrita promovida em boa medida por agências baseadas em Portugal. O que nos leva ao discurso das instituições que estabelecem os cânones literários, tal como enquadradas por Stefan Helgesson e Pieter Vermeulen em *Institutions of World-Literature* e pelo trabalho de Claire Ducournau sobre a instituição das literaturas africanas em francês, do qual este artigo é devedor e que, aplicado ao nosso *corpus*, questiona o papel relativo de África e de Portugal na consagração e mundialização destas literaturas. As primeiras conclusões apontam para uma visão global das literaturas africanas de língua portuguesa como criação mais do Norte Global – e especialmente do centro lisboeta – do que propriamente africana, na sua institucionalização.

PALAVRAS-CHAVE: tradução, instituições, mundialização, literatura-mundo, sistema literário mundial.

ABSTRACT:

This article aims at presenting some data on the dimension and the structure of literary translation from the Portuguese to the main European languages, in order to problematize them using some theoretical tools, such as the key-concepts of World-Literature, as envisaged, on the one hand, by the Warwick Research Collective (Combined and Uneven Development) and, on the other, by Pascale Casanova in The World Republic of Letters. Considering some concepts of the Cultural Turn of Translation Studies (André Lefevre and Lawrence Venuti), we can see how the literary exchange starting from Portuguese-Speaking Africa follows lines determined by a rewriting that is promoted by and large by agencies based in Portugal. This leads us to the discourse on Institutions that help establish a literary canon in a world-literature frame, as envisaged by Stefan Helgesson and Pieter Vermeulen (Institutions of World Literature), and to the work of Claire Ducournau on African literatures in French and its institutions – to which this article is deeply indebted. It allows us to question the role of Portuguese institutions in the consecration and worlding of these literatures in translations. Our conclusions sketch a global vision of African Literatures in Portuguese, institutionally, as a creation more by the Global North – especially of the ex-metropolitan Lisbon center – than African.

KEYWORDS: translation, institutions, worlding, world-literature, world literary system.

¹ CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias/FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.. E-mail: bucaioni@campus.ul.pt



RESUMEN:

Este artículo quiere presentar algunos datos sobre la dimensión y la estructura de las traducciones de obras literarias africanas del portugués a las principales lenguas europeas, para pasar a problematizar esos resultados a la luz de algunas herramientas teóricas, como el concepto-clave de literatura-mundo, así como enmarcado, por un lado, en el Warwick Research Collective (Combined and Uneven Development), y, por otro, en Pascale Casanova en su República Mundial de las letras. Recogiendo también la herencia del Cultural Turn de los Estudios de Traducción (André Lefevre y Lawrence Venuti), veremos cómo el intercambio literario a partir de África de lengua portuguesa sigue líneas determinadas por una reescrita promovida en buena medida por agencias situadas en Portugal. Esto nos lleva al discurso sobre las instituciones que institucionalizan la literatura como canon, en el marco fijado por Stefan Helgesson y Pieter Vermeulen en *Institutions of World-Literature* y por el trabajo de Claire Ducournau sobre las literaturas africanas en francés y sus instituciones, en el cual este artículo está inspirado y que, aplicado a nuestro corpus, cuestiona el papel de África y de Portugal en la consagración y mundialización de estas literaturas. Nuestras conclusiones apuntan a una visión global de las literaturas africanas de lengua portuguesa, desde el punto de vista institucional, como creación más del Norte Global – y especialmente del centro lisboeta – que propiamente de África.

PALABRAS-CLAVE: traducción, instituciones, mundialización, literatura-mundo, sistema literario mundial.

1. Objetivos e quadro teórico

O primeiro objetivo deste artigo é apresentar alguns dados reunidos no âmbito da nossa pesquisa de pós-doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sobre a circulação das literaturas africanas de língua portuguesa em tradução fora do espaço linguístico de origem. Sucessivamente, tencionaremos problematizar os dados apresentados partindo da hipótese de que as ditas literaturas africanas de língua portuguesa, quer na sua institucionalização editorial e literária dentro do espaço dessa língua, quer no movimento de mundialização que a sua tradução pressupõe e propicia, devem muito mais a instituições baseadas em Portugal, e mais em geral na Europa e no Norte Global, do que a agências baseadas nos países africanos de língua portuguesa, configurando de facto um quadro de tradição literária híbrida, que mais mereceria o apelido de “euro-africana” (como em THIONG’O, 1986).

O conceito de “reescrita” tal como declinado por André Lefevre no seu seminal *Translation, Rewriting and the Manipulation of the Literary Fame* (LEFEVRE, 1992) socorre-nos e ilumina-nos como conceito-chave para pensarmos as trocas literárias entre nações e áreas linguísticas, pondo o acento na enorme importância de todas as formas de reescrita, desde a tradução interlinguística (vista como reescrita além do espaço cultural de origem), até às inscrições de uma obra em cânones literários domésticos, que abarcam o espaço total de uma língua ou globais. Esse conceito também anima, de forma mais ou menos explícita, intervenções mais recentes dentro da linha teórica da literatura-mundo, nomeadamente alguns trabalhos sobre instituições, tal como *Institutions of World Literature* (HELGESSION; VERMEULEN, 2016), em que encontramos, entre outros ensaios, um estudo de Claire Ducournau sobre a institucionalização das literaturas africanas de língua francesa, de que este trabalho é devedor, e que abriu caminho à sucessiva publicação da mesma estudiosa *La Fabrique des classiques*

africains (DUCOURNAU, 2017), em que se esmiúça o papel decisivo de instituições francesas na consagração de um cânone literário africano em língua francesa. O conceito de instituição neste artigo será usado na dupla vertente como sugerido por Helgesson e Vermeulen na sua introdução:

In this context, it is all-important that the word “institutions” in our title be read in a double sense: both in its more conventional meaning, as socially entrenched forms, and in the active, verbal sense. To institute something is to bring it into being, as when the performative function of language is activated. But the agency required for successful performativity does not emerge out of nothing; it needs social recognition and sustenance, and it is precisely this dynamic involving writers, publishers, translators, and scholars that the present volume explores. (HELGESSION e VERMEULEN, 2016, p. 1-2).

O pano de fundo de literatura-mundo em que colocaremos a movimentação das traduções de autores africanos do português deve ainda à visão geral do Sistema Literário Mundial como proposta pelo Warwick Research Collective (DECKARD e LAWRENCE, 2015), na sua central intuição da recuperação do conceito trotskiano de “desenvolvimento desigual e combinado” aplicado à literatura mundial e às trocas entre literaturas; como também achamos ainda válido o quadro de Pascale Casanova delineado na sua *République Mondiale des lettres* (CASANOVA, 1999), especialmente no que diz respeito ao conceito de *littérisation* – ou certificação de validade literária, passada pelo Centro do Sistema Literário Mundial a obras e autores de zonas do mundo desmunidas de poder simbólico – e ao duplo posicionamento que um autor traduzido possui dentro e fora da sua literatura nacional:

At the same time, each writer’s position must necessarily be a double one, twice defined: each writer is situated once according to the position he or she occupies in a national space, and then once again according to the place that this occupies within the world space. This dual position, inextricably national and international, explains why – contrary to what economic views of globalization would have us believe – international struggles take place and have their effects principally within national spaces; battles over the definition of literature, over technical or formal transformations and innovations, on the whole have national literary space as their arena. (CASANOVA *apud* DAMROSCH, 2014, p. 199-200).

As traduções para fora do espaço de língua portuguesa (síntese dos dados)

Para compilarmos a nossa base de dados sobre as traduções de autores africanos do português, começámos com a lista de autores que resultou da nossa tese de doutoramento

(BUCAIONI, 2015). Tal lista foi integrada com dados provenientes de outras publicações sobre literaturas africanas em língua portuguesa (LARANJEIRA, 1995; CHABAL, 1996; LEITE, 2003; SALINAS PORTUGAL, 2006; PADILHA, 2008; RIBEIRO e MENESES, 20008; RIBEIRO, 2011a e 2011b). Desta forma, foi obtida uma lista de 171 autores (37 de Cabo Verde, 15 da Guiné-Bissau, 16 de São Tomé e Príncipe, 55 de Angola e 48 de Moçambique). Destes, só 48 têm traduções publicadas fora do espaço de língua portuguesa.

Na construção da nossa base de dados, integrámos os dados presentes na base de dados sobre tradução da DGLAB (Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas), organismo do Ministério da Cultura português também responsável pelo apoio à tradução de autores portugueses (e africanos) no estrangeiro, disponível em <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/Paginas/PesquisaTraducoes.aspx> (acesso a 20 de janeiro de 2020).

Os dados obtidos foram integrados com outros de outras fontes, nomeadamente:

a) a base de dados de traduções literárias para inglês *Three Percent* da Universidade de Rochester, que tenta dar conta de todas as traduções literárias efetuadas para o inglês, disponível em <http://www.rochester.edu/college/translation/threepcent/%20translation%20database/> (acesso a 20 de janeiro de 2020).

b) o *Index Translationum* da UNESCO, que, apesar de já não ser atualizado há alguns anos, continua ser referência para períodos mais recuados, disponível em <http://www.unesco.org/xtrans/> (acesso a 20 de janeiro de 2020).

c) os dados do CEATL (*Conseil Européen des Associations de Traducteurs Littéraires*), disponível em <https://www.ceatl.eu/fr> (acesso a 20 de janeiro de 2020).

d) os catálogos online, se disponíveis, das editoras que publicaram autores que já constavam na nossa base de dados.

e) o *site* do projeto *Literature Across Frontiers*, disponível em <https://www.lit-across-frontiers.org/> (acesso a 20 de janeiro de 2020).

Os dados obtidos foram completados e verificados nas páginas dos catálogos online das bibliotecas nacionais referentes aos principais sistemas editoriais em apreço, nomeadamente: para o sistema de língua inglesa a Biblioteca do Congresso dos EUA (disponível em <https://www.loc.gov/>) e a British Library (disponível em http://explore.bl.uk/primo_library/libweb/action/search.do); para o sistema de língua francesa o Catálogo da Biblioteca Nacional de França (disponível em <http://catalogue.bnf.fr/rechercher.do?motRecherche>); para o sistema de língua alemã o catálogo da Biblioteca Nacional de Alemanha (disponível em <https://portal.dnb.de/opac.htm?jsessionid=D7149272CF28844F39041C30FEBFF74A.prod-worker0?view=redirect%3A%2Fopac.htm&dodServiceUrl=https%3A%2F%2Fportal.dnb.de%2Fdod>); para o sistema de língua espanhola

o Catálogo da Biblioteca Nacional de Espanha (disponível em <http://datos.bne.es/inicio.html>) e, finalmente, para o sistema de língua italiana o Catálogo Online do Sistema Bibliotecário Nacional italiano (disponível em <http://opac.sbn.it/opacsbn/opac/icc/avanzata.jsp>).

Os dados foram finalmente integrados com informações presentes nos *sites* das principais agências literárias que costumam representar autores de língua portuguesa, com destaque para a agência literária Mertin de Frankfurt, que tem um papel muito relevante no mercado de direitos de autores de língua portuguesa e representa os mais traduzidos autores africanos (<http://www.mertin-litag.de/>).

Primeiro foram recolhidas informações sobre os cinco maiores sistemas editoriais e literários europeus: os de língua inglesa, francesa, alemã, espanhola e italiana. Continuámos, depois, reunindo dados sobre traduções para outras línguas europeias, encontrando publicações em mais 19 línguas. Mantivemos, porém, separados os dados sobre estes grandes cinco mercados e os mercados menores, pelo grande impacto que os primeiros cinco têm em termos de circulação e de consagração literária no centro do Sistema Literário Mundial.

Foram consideradas só publicações monográficas, excluindo portanto antologias de poemas ou de contos de vários autores, como também foram excluídos textos de teor não ficcional (discursos, ensaio, biografia).

A base de dados final consta de 386 traduções publicadas, das quais 301 nos cinco maiores sistemas editoriais e 85 nos 19 menores. Dentro das traduções publicadas nos maiores mercados, 20 são reedições de traduções anteriormente publicadas (quer por causa da recomercialização do livro no mercado, quer, noutros casos, por causa de publicação simultânea ou sucessiva da mesma tradução em vários países que partilham a mesma língua, como é o caso das duas Alemanhas durante a Guerra Fria, ou dos países americanos de língua inglesa ou espanhola face às ex-metrópoles).

Dividindo as traduções por língua-alvo, obtivemos os seguintes resultados: 91 publicações em italiano, 69 em francês, 54 em espanhol, 42 em inglês e 30 em alemão. O peso das reedições resulta ser diferente nestas áreas linguísticas, sendo que há 13 delas em alemão, três em francês, duas em inglês, duas em italiano e nenhuma em espanhol – o que já constitui um indício sobre o diferente comportamento dos vários sistemas editoriais perante a tradução destas literaturas, com a Alemanha a traduzir menos, mas aparentemente a acompanhar mais os autores e os livros ao longo do tempo, mesmo considerando também como reedições algumas das publicações “duplas” que saíram quer na Alemanha Federal, quer na Democrática.

Considerando os países de publicação dessas traduções, obtivemos os seguintes resultados: Itália: 87 publicações; França: 60; Espanha: 47; Reino Unido: 25; Alemanha (República Federal): 22; Suíça: 12; República Democrática Alemã: 11; EUA: 8; Canadá: 8; San Marino/

Itália: 3; Colômbia, Argentina, México e Bélgica: 2; Cuba, Portugal, França/Canadá, Marrocos, Liechtenstein, Cabo Verde, Senegal/Costa do Marfim/Togo, África do Sul, Tanzânia e Angola: 1.

Tabela 1: traduções por língua-alvo (cinco maiores)

Traduções por língua-alvo	EN	FR	DE	ES	IT	total maiores	total
Cabo Verde	2	11	1	8	11	33	41
Guiné-Bissau	1	1	0	0	1	3	3
São Tomé e Príncipe	0	0	1	3	1	5	5
Angola	22	28	18	24	47	139	193
Moçambique	17	26	10	19	29	101	124
Total por língua-alvo	42	66	30	54	89	281	366
Reimpressões/Reedições	2	3	13	0	2	20	
Publicações totais incluindo reimpressões/reedições	44	69	43	54	91	301	386

Nos 19 sistemas de menor dimensão, encontramos 20 traduções para o sueco, 11 para o neerlandês, 7 para o croata, 8 para o catalão, 6 para o norueguês e o polaco, 5 para o dinamarquês, 4 para o romeno e o búlgaro, 3 para o sérvio, 2 para o esloveno e o basco e uma para o grego, o macedónio, o finlandês, o estónio, o esloveno, o galego e o húngaro. Todas as traduções para estas línguas foram publicadas no país que dá nome à língua. As traduções para o catalão, o basco e o galego foram publicadas em Espanha. Nos sistemas editoriais “menores” não há reedições de traduções já publicadas anteriormente.

Tabela 2: traduções por língua-alvo (outras línguas)

Sueco	20
Neerlandês	11
Croata	7
Catalão	8
Norueguês	6
Polaco	6
Dinamarquês	5
Romeno	4
Búlgaro	4
Sérvio	3
Eslovaco	2
Basco	2
Grego	1
Macedónio	1
Finlandês	1
Estónio	1
Esloveno	1
Galego	1
Húngaro	1
Total menores	85

É de notar como o peso das traduções publicadas no continente africano é quase nulo. Só quatro publicações foram feitas em África, confirmando desta forma uma tendência conhecida dos estudiosos: os espaços editoriais dos países africanos (mesmo considerando variações importantes dentro do continente) são ainda fracos especialmente pelo que concerne a tradução de obras de outros países africanos. De qualquer forma, a tradução de obras africanas, mesmo para línguas que são oficiais em muitos países, parece estar firmemente nas mãos de circuitos europeus e, em menor medida, americanos. No caso das traduções para inglês, há um desequilíbrio ténue entre as duas bandas do Atlântico, com 25 traduções publicadas no Velho Mundo e 16 no Novo. Mais gritante a assimetria entre Espanha e a América de língua espanhola: frente a 47 publicações peninsulares, temos só 6 no continente americano.

Tabela 3: Traduções por país de publicação (cinco maiores línguas-alvo)

Itália	87
França	60
Espanha	47
Reino Unido	25
Alemanha (República Federal)	22
Suíça	12
EUA	8
Canadá	8
Alemanha (República Democrática)	11
São Marino/Itália	3
Colômbia	2
Argentina	2
México	2
Bélgica	2
Cuba	1
Portugal	1
França/Canadá	1
Marrocos	1
Liechtenstein	1
Cabo Verde	1
Senegal/Costa do Marfim/Togo	1
África do Sul	1
Tanzânia	1
Angola	1
Total	301

Configurando os dados em diacronia, vemos como há uma tradução publicada ainda nos anos 50, 7 nos anos 60, 6 nos anos 70, 23 nos anos 80, 43 nos anos 90, 107 nos anos 2000 e 113 nos anos 2010. Depois do ténue interesse demonstrado entre os anos 50 e os anos 70 por estas literaturas, o número de traduções começa a aumentar nos anos 80, mas é só nos anos 90 que este aumento se faz relevante, até alcançar números muito maiores nas duas décadas sucessivas.

Tabela 4: traduções por década

Traduções por década		EN	FR	DE	ES	IT
1950	1	0	1	0	0	0
1960	7	1	2	1	0	3
1970	6	1	1	4	0	0
1980	23	4	6	10	1	2
1990	43	4	17	5	4	13
2000	107	17	22	8	25	35
2010	113	17	20	15	23	38
Total	300	44	69	43	53	91

Nota: falta a indicação do ano de publicação de uma tradução para espanhol.

É de ressaltar aqui, por um lado, que a dimensão do sistema mundial das traduções foi aumentando a um ritmo sustentado exatamente a partir dos anos 90, também à boleia do crescente interesse do seu Centro por literaturas e culturas mais periféricas, na esteira do sucesso de obras latino-americanas e das ex-colônias britânicas e francesas, que chegaram, nalguns casos, aos máximos graus de consagração internacional (entre os Prémios Nobel pela literatura, a presença de nomes como Gabriel García Márquez, V. S. Naipaul e Derek Walcott, ao lado de Wole Soyinka, assim como o sucesso internacional de autores como Salman Rushdie, Chinua Achebe e Ngũgĩ Wa Thiong’o com certeza contribuíram para que instituições literárias do Centro do Sistema Literário Mundial dessem alguma atenção renovada às escritas das zonas mais periféricas). Ao mesmo tempo, avanços tecnológicos no campo da impressão, com a espetacular melhoria da qualidade da impressão digital face ao *offset*, especialmente a partir da viragem do século, fizeram com que publicar livros ficasse mais barato, criando um aumento geral das publicações que afectou também as traduções. Uma terceira razão para este aumento pode-se encontrar na mudança radical que as própria literaturas africanas de língua portuguesa atravessaram entre os anos 80 e 90, com a velha geração de autores da luta anticolonial e da construção da nova identidade nacional a deixar espaço para uma nova geração de escritores que se abriram a novos temas, estilos e propostas estéticas de forma a alcançar resultados muito mais variados, e talvez mais à moda e palatáveis para o renovado interesse para com estas “periferias” literárias por parte da Europa. Como veremos, as instituições responsáveis pela proposta e pela fixação dos cânones literários africanos em Portugal tiveram um papel fundamental também nesta mudança.

Os autores mais traduzidos são Mia Couto e José Eduardo Agualusa, respectivamente com 81 e 77 publicações nas línguas pesquisadas (das quais 4 reedições cada); seguem – a alguma distância – Pepetela com 44, Ondjaki com 26, Luandino Vieira com 23, Germano Almeida com 19, Paulina Chiziane com 12 e Agostinho Neto com 11, sendo que nenhum dos outros autores chega a ter 10 traduções publicadas nos sistemas editoriais em apreço.

Tabela 5: autores mais traduzidos

Autores		Edições totais	Reedições/ Reimpressões	Novas traduções
Couto	Mia	81	4	77
Agualusa	José Eduardo	77	4	73
Pepetela		44	4	40
Ondjaki		26	2	24
Vieira	José Luandino	23	1	22
Almeida	Germano	19	1	18
Chiziane	Paulina	12		12
Neto	Agostinho	11	2	9
Honwana	Luís Bernardo	8	1	7
Lopes da Silva	Baltasar	7		7
Rui	Manuel	6		6
Tavares	Ana Paula	5		5
Castro Soromenho	Fernando	5		5
Melo	João	4	1	3
Gonçalves	António Aurélio	4		4
Cassamo	Suleiman	4		4
Momplé	Lília	3		3
Lima	Conceição	3		3
De Lemos	Virgílio	3		3
Craveirinha	José	3		3
Borges Coelho	João Paulo	3		3
Ba Ka Khosa	Ungulani	3		3
Sila	Abdulai	3		3
Magaia	Lina	2		2
Lopes	Manuel	2		2
Ferreira	Manuel	2		2
Duarte	Vera	2		2
De Carvalho	Ruy Duarte	2		2
Beja	Olinda	2		2
De um total de 385		369		349

A desigualdade de resultados entre os autores representados na lista de traduções é patente: os primeiros dois autores sozinhos perfazem conjuntamente 158 publicações num total de 386 (portanto, pouco menos de metade). Acrescentando a esses dois autores os dados dos seguintes três, ascendemos a 251, ou seja, os primeiros cinco autores da lista totalizam quase 70% das publicações totais. Esta assimetria é ainda mais gritante no caso de sistemas editoriais mais pequenos: em croata, grego, húngaro, macedónio, esloveno e eslovaco são representados só títulos de Mia Couto e Agualusa, enquanto em dinamarquês as traduções publicadas destes dois autores são quatro das cinco totais; três da quatro totais em romeno e duas de três totais em sérvio.

Será relevante para este artigo notar como a quase totalidade dos autores traduzidos é publicada originariamente por chancelas portuguesas – e na maioria dos casos não têm

publicação no país de origem ou têm-na só depois da consagração em Portugal. Nomeadamente, os cinco autores mais traduzidos são todos publicados em Portugal antes de o serem no país de origem, em editoras de referência do sistema editorial lusitano (Mia Couto na Caminho, Agualusa primeiro na Dom Quixote e mais recentemente na Quetzal, Pepetela na Dom Quixote; Ondjaki, Luandino Vieira, Germano Almeida e Paulina Chiziane outra vez na Caminho). Vemos, portanto, como um número extremamente restrito de chancelas domina esta lista, sendo que abarcam a quase totalidade das obras sucessivamente traduzidas. Se considerarmos, ainda por cima, que desde 2008 quer a Caminho quer a Dom Quixote pertencem ao mesmo grupo editorial (o Grupo Leya) vemos como o ator mais importante do sistema editorial português tem por si só um papel determinante na mundialização destas literaturas.

É interessante deste ponto de vista acompanhar o percurso editorial de Mia Couto dentro do espaço de língua portuguesa: tendo as primeiras publicações pela AEMO em Moçambique nos anos 80, no fim da década esse autor chega à Caminho de Lisboa, que a partir daí é a editora que publica todas as suas obras. No Brasil, A Nova Fronteira publicou quatro títulos dele entre 1986 e 1996, para depois, só em 2003 a Companhia das Letras retomar com força a publicação deste autor. Será relevante notar como, depois de chegar à Caminho, nenhuma obra de Mia Couto será publicada em África, como também as edições brasileiras nunca precedem as portuguesas (quando muito são feitas no mesmo ano).

Por conseguinte, raríssimos são os casos de autores africanos que chegam à tradução tendo sido publicados por chancelas portuguesas menores e ainda mais raros os que chegaram a ser traduzidos não tendo sido previamente publicados em Portugal. Um desses casos, por exemplo, é o do guineense Abdulai Sila, que até à data não está presente no mercado português do livro novo e obteve três traduções do seu romance *A Última Tragédia*, para francês, inglês e italiano. É de notar, porém, que a trilogia dos romances de Abdulai Sila (*Mistidá*), além de estar publicada na sua própria chancela guineense (a Ku Si Mon de Bissau), consta no catálogo de publicações do Centro Cultural Português de Praia/Mindelo, em Cabo Verde, que é, mais uma vez, uma agência do Estado português. Este autor obteve também algumas publicações no Brasil, como é o caso de *A Última Tragédia*, pela chancela Pallas em 2006.

2. Quem institui as literaturas africanas de língua portuguesa lá fora?

2.1. Instituições portuguesas

2.1.1. As chancelas

Como é evidente a partir dados acima referidos, as editoras portuguesas têm um papel fundamental na internacionalização destas literaturas, tornando visíveis e portanto acessíveis mesmo fora do espaço de língua portuguesa obras literárias que de outra forma não o seriam.

Como é sabido, um dos problemas das literaturas africanas em geral, e não só das de língua portuguesa, é a fraqueza, quando não a ausência, de sistemas editoriais africanos que possam atender à necessidade de publicação, consagração e circulação de material literário dentro do país em questão, em outros países do continente e em direção ao centro do Sistema Literário Mundial.

Desde a publicação dos ensaios contidos em *Decolonizing the Mind* de Ngũgĩ wa Thiong’o (THIONG’O, 1986) várias fontes preconizaram e encorajaram o surgimento – visto como uma necessidade básica – de estruturas editoriais em África capazes de fazer frente à publicação e consagração de conjuntos de obras de autores nacionais e/ou de outros países africanos, a par de sistemas literários mais sólidos em línguas que não fossem as dos ex-colonizadores. Passados mais de trinta anos desde a publicação desse ensaio, pouco de relevante parece ter acontecido nesse sentido, e este quadro de penúria parece, infelizmente, aplicar-se à perfeição à África que escreve em português.

A própria Editorial Caminho chegou a abrir chancelas em vários países africanos de língua portuguesa (é o caso da Nzila em Angola e da Ndjira em Moçambique) para propor parte do seu catálogo aos leitores desses países sem a mediação comercial da central em Portugal. Mas o alcance dessas operações parece-nos irrelevante para os fins da nossa investigação, pois elas se limitaram, em grande parte, a repropor nos mercados africanos autores já constantes dos catálogos das chancelas europeias do grupo (nomeadamente a Caminho). Relevante para nós seria o movimento contrário, ou seja: publicar novas propostas africanas em Angola e Moçambique, para sucessivamente exportá-las para o sistema editorial português, numa acção de pesquisa editorial que iria de encontro a uma possível redução da assimetria de poder entre África e Europa no campo da edição.

A centralidade de certas chancelas lisboetas na instituição do cânone histórico e na circulação das literaturas africanas não é, todavia, um fenómeno nem recente nem necessariamente ligado à crescente concentração de chancelas e de poder editorial nas mãos de grandes grupos empresariais: basta pensar no papel fulcral que teve a editora/livraria Sá da Costa de Lisboa na fase pós-25 de Abril na circulação de autores africanos em Portugal. Esta chancela foi pioneira na disponibilização de títulos de autores africanos contemporâneos, tendo em conta que no seu catálogo daqueles anos constavam autores como Agostinho Neto, Luandino Vieira, Helder Proença entre outros, além de uma lista de títulos de ensaio sobre as problemáticas africanas e pós-coloniais reunidos debaixo do logótipo “Terceiro Mundo”. Muito além de ter presença só no mercado editorial ex-metropolitano, a Sá da Costa foi dando apoio a agências do recém-independente Estado angolano na publicação de uma série de títulos relevantes para a construção cultural e identitária da nova nação angolana (como por exemplo a tradução portuguesa de *Black Mother: The Years of the African Slave Trade* de Basil Davidson, trabalhada na redacção da Sá da Costa e impressa em Portugal por conta da República Democrática de Angola).

O caso desta editora não é isolado: outras chancelas portuguesas contribuíram também de forma decisiva ao desenvolvimento destas literaturas entre os anos 70 e 80: quer as Edições 70 quer a Dom Quixote, que chegou a editar e imprimir livros para outra agência do Estado angolano, a União dos Escritores Angolanos.

É evidente, portanto, a relevância do papel das chancelas, das editoras, mas também das próprias redações portuguesas na instituição do cânone africano de língua portuguesa, até no contributo que deram a publicações promovidas em África, geralmente por agências dos estados, mas materialmente preparadas e impressas em Portugal.

2.1.2. Os apoios à tradução de autores portugueses e outras atividades dos entes públicos portugueses

Como muitos outros governos, o português tem programas de apoio à tradução de autores nacionais no estrangeiro. Dois desses programas merecem ser destacados aqui pela sua longa duração e pelo profundo impacto que tiveram nas últimas décadas na iniciativa de tradução literária a partir do português. A já mencionada DGLAB e o Instituto Camões, que dependem, respectivamente, do Ministério da Cultura e dos Negócios Estrangeiros de Portugal, têm programas de apoio à tradução que, a par de autores portugueses, incluem autores africanos e das outras ex-colónias (mas excluem, em regra, autores brasileiros).

Esta atitude por parte destas duas instituições, e portanto do Estado português, merece um comentário. De certa forma, ela parece querer colmatar a ausência de programas paralelos nos países de origem dos autores não portugueses, e portanto avanta a difusão dessas literaturas não nacionais. Por outro, é de assinalar como Portugal substitui-se de facto a agências ausentes ou não funcionais nas ex-colónias, acentuando desta forma a centralidade e o peso das instituições portuguesas na configuração e difusão de cânones literários afro-portugueses, e retirando de facto qualquer possível independência cultural real aos países em questão.

Das 344 traduções de autores africanos que constam na base de dados da DGLAB, 179 foram apoiadas ou pela própria DGALB ou pelo IC ou por ambas entidades, ascendendo a mais de metade do total. É de assinalar também que estas duas entidades públicas, além do apoio à tradução no estrangeiro, possuem paralelamente acções de apoios diversos que incluem autores africanos, como o apoio à edição no Brasil, ou o apoio à deslocação de autores ao estrangeiro para feiras, eventos culturais ou lançamentos. A DGLAB, nomeadamente, marca posição com um *stand* próprio em várias feiras do livro pelo mundo fora (Feira do Livro de Frankfurt, na Alemanha e Feira do Livro Infantil de Bolonha, em Itália), além de co-organizar as delegações de Portugal como país convidado em outros eventos internacionais, como as recentes “embaixadas” culturais e literárias portuguesas nas feiras de Guadalajara, no México,

ou em Bogotá, na Colômbia.

A participação de Portugal como país convidado em Feiras do Livro no estrangeiro, mediada por estas entidades e com um importante investimento por parte delas, parece determinante, pelo menos a curto prazo, para o surgimento de traduções. A presença como país convidado no Salão Internacional do Livro de Turim em 2006, por exemplo, foi acompanhada de uma aceleração marcada de traduções para italiano nos anos imediatamente anteriores e seguintes (as traduções de autores africanos foram 1 em 2002, 2 em 2003, 2 em 2004, 4 em 2005, 9 em 2006 e 5 em 2008). A presença física de José Eduardo Agualusa, Mia Couto e Paulina Chiziane no evento testemunha como não foram só autores portugueses a beneficiar da ação do Estado português.

2.1.3. Prêmios portugueses e do espaço de língua portuguesa

Ao contrário das Feiras e dos eventos literários fora do espaço de língua portuguesa, não nos parece que os prêmios literários do domínio da língua portuguesa tenham uma correlação clara com o surgimento de traduções.

O mais prestigiado prêmio literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, outorgado por entidades públicas portuguesas e brasileiras em pé de igualdade e que já foi concedido a vários autores de países africanos, não parece ter tido grande impacto na publicação de traduções fora do espaço de língua portuguesa. Manifestos são o caso do caboverdiano Arménio Vieira (Prémio Camões 2009) que, pouco presente no mercado editorial português, não tinha traduções antes do Prémio e só ganhou uma depois, e o caso de sentido contrário de Mia Couto que, tendo recebido o Prémio em 2013, já era muito traduzido na altura, com uma fama internacional que nada deve a este prêmio.

2.2. Instituições não portuguesas

2.2.1. Agências literárias

As agências literárias podem ter um papel determinante – e não muito investigado no campo dos Estudos Literários – na fixação de cânones em tradução, contribuindo de forma crucial à circulação do nome e da fama de autores e textos além-fronteira. No caso dos autores de língua portuguesa, um papel de relevo é certamente desempenhado pela agência Mertin de Frankfurt, na Alemanha. Fundada em 1982 por uma tradutora do português, Ray-Güde Mertin, a agência cresceu até na prática dominar o mercado dos direitos de autores de língua portuguesa, representando, entre outros, o Nobel português da literatura, José Saramago. A agência sobreviveu à sua fundadora (falecida em 2007) e continua hoje a representar uma

série de autores importantes de língua portuguesa, além de escritores de outras línguas. Os autores africanos mais traduzidos constam deste catálogo: Mia Couto, José Eduardo Agualusa, Pepetela, Ondjaki, Luandino Vieira, Paulina Chiziane e Germano Almeida. Dito de outra forma: todas as traduções publicadas destes autores passaram pela mediação desta agência, que deste modo aparece como ator fulcral na reescrita dessas literaturas, e do redesenho do cânone afro-português em tradução.

Alguns autores não representados pela Mertin são negociados diretamente pela sua editora portuguesa: nomeadamente, a Caminho, através do departamento de direitos estrangeiros do Grupo Leya.

2.2.2. Prêmios internacionais

Ao contrário dos prêmios portugueses e lusófonos, os prêmios internacionais estão por sua natureza intimamente ligados à tradução, sendo que são outorgados a partir da avaliação de obras já traduzidas. E estes sim parecem funcionar como catalisador de prestígio na cultura de chegada e, no caso dos grandes prêmios de língua inglesa, como trampolim também para outras culturas periféricas e semi-periféricas, sendo, portanto, ao mesmo tempo consequência da acção de tradução para umas línguas e, às vezes, causa da tradução para outras.

No *corpus* em questão, só Mia Couto e José Eduardo Agualusa obtiveram reconhecimentos relevantes fora dos países de língua portuguesa: Agualusa recebeu o Independent Foreign Fiction Award em 2007 pela tradução inglesa de *O Vendedor de Passados* e o Dublin Prize em 2017 pela tradução de *Teoria Geral do Esquecimento*. Mia Couto recebeu o Neustadt International Prize for Literature em 2014 e chegou a finalista do Man Booker Prize em 2015 pelo conjunto da obra (dados obtidos nas páginas pessoais dos dois autores: <https://www.agualusa.pt/> e <https://www.miacouto.org/#portfolio>, acessados a 20 de janeiro de 2020). O caso de *O Vendedor de Passados* ilustra bem a dinâmica da importância desse prêmio para “gerar” outras traduções: a tradução inglesa que deu lugar ao prêmio, em 2006, foi a primeira a ser publicada, no mesmo ano da tradução francesa. Mais 13 traduções deste romance apareceram sucessivamente nos sistemas editoriais em apreço neste artigo, tendo o livro chegado aos mercados mais periféricos, com traduções para croata e eslovaco (2008), búlgaro e romeno (2009), húngaro (2010), estónio (2011) e finlandês (2015). É de lembrar que este romance constitui o único título traduzido da África que escreve em português para húngaro e estónio.

2.2.3. Editoras estrangeiras

Quase todas as traduções que recenseámos foram publicadas em editoras relativamente pequenas e com reduzido capital simbólico (além de escasso poder comunicativo nos sistemas de chegada). Há algumas exceções a esta realidade: as publicações de Mia Couto pela Alfaguara em Espanha, cinco traduções que saíram pela Gallimard em França, algumas

traduções publicadas por chancelas de referência na então Alemanha Democrática, como a Volk und Welt de Berlim ou a Reclam de Leipzig e uma tradução publicada pela Penguin (na África do Sul, única publicação que encontramos neste país e uma das pouquíssimas no continente africano: trata-se de um livro de Mia Couto, uma antologia de contos que inclui material de *Vozes Anoitecidas* e de *Cada Homem É uma Raça*), três traduções publicadas na Alianza Editorial em Espanha e ainda cinco traduções publicadas pela chancela Meulenhoff nos Países Baixos (uma obra de Pepetela e quatro romances de José Eduardo Agualusa).

Um fenómeno a assinalar neste *corpus* de traduções é o das chancelas especializadas em tradução da língua portuguesa ou em tradução em geral, mas em que a língua portuguesa tem uma presença constante e que revela um duradouro investimento por parte da editora.

Em Itália, é o caso de Edizioni dell’Urogallo, fundada por quem escreve, e totalmente dedicada à tradução literária exclusivamente da língua portuguesa, com um catálogo que contém autores africanos (19 títulos publicados), mas também autores portugueses e brasileiros. Ainda em Itália, é de assinalar o caso da Cavallo di Ferro, que abriu em 2003 para traduzir exclusivamente literatura do português, mas chegou a publicar, antes de sofrer uma mudança de gestão e de linha editorial, só um título africano (Germano Almeida, *A Ilha Fantástica*); e de La Nuova Frontiera, editora especializada em tradução literária em geral, mas com uma presença importante do português e um interesse constante por autores africanos (Agualusa, Paulina Chiziane, Germano Almeida, Manuel Rui), com um total de 10 títulos publicados.

Em França, Chandeigne (12 traduções publicadas) pertence à categoria de chancelas especializadas em tradução de literatura e ensaio do português e com um catálogo virado para temáticas em volta do espaço da língua portuguesa. Mais 12 títulos africanos foram publicados naquele país pela chancela Métaillé, especializada em tradução literária de várias línguas, mas com uma presença da língua portuguesa impressionante no catálogo (publicaram Lídia Jorge e António Lobo Antunes, entre outros), sendo considerada como a chancela dos principais autores portugueses contemporâneos em França.

Na Suécia a editora Almviva, com cinco traduções publicadas, é outro caso de chancela exclusivamente especializada em traduções literárias do português, tendo, ao lado dos títulos africanos, outros autores portugueses (Almeida Faria, Nuno Júdice, Eugénio de Andrade, Vasco Graça Moura, entre outros). A chancela Tranan, responsável por mais 7 traduções, é especializada em tradução literária em geral, com um lema que denuncia uma atenção especial para produções literárias estrangeiras e periféricas: “Leituras do mundo inteiro” (“Läsning från hela världen”).

Txalaparta em Espanha e Hjulet na Dinamarca/Suécia têm em comum um interesse por literaturas do Sul Global: a Hjulet, por exemplo, tem como lema “livros quentes de países quentes” (“varma böcker från varma länder”).

No mundo de língua inglesa, a Serpent’s Tail e a Archipelago Books são duas chancelas

com uma grande atenção para a tradução literária. No caso da Archipelago, que se define “A nonprofit press devoted to contemporary & classic world literature”, é evidente o acento posto na literatura (do) mundo, como também quer ser clara a sua posição de empresa non-profit, o que muito revela sobre o estatuto da literatura traduzida no mundo de língua inglesa. Nesses sistemas editoriais a especialização em tradução literária significa automaticamente um posicionamento de militância e de nicho, considerando a escassa abertura desses mercados à tradução em geral, que ocupa um espaço mínimo do mercado livreiro (VENUTI, 1998; HEILBRON, 2010).

Em Espanha, a chancela Txalaparta (sete títulos, obras de Paulina Chiziane, Pepetela, Ondjaki, Mia Couto, Germano Almeida) é empenhada na publicação de traduções literárias especialmente do Sul do mundo, enquanto Ediciones del Bronce (quatro títulos, obras de José Eduardo Agualusa e Germano Almeida) é também especializada em tradução. Ediciones del Bronce foi comprada por um grande grupo editorial (Planeta), o que fez com que o pessoal da redação saísse da editora para abrir um novo projeto: as Ediciones del Cobre, que continua a atividade de tradução de literaturas marginais, entre as quais as africanas de língua portuguesa (José Eduardo Agualusa, Mia Couto, Paulina Chiziane), com sete títulos. Portanto, as publicações destas duas chancelas podem ser consideradas como emanção da mesma equipa editorial.

Présence Africaine em França (uma tradução publicada) e a Heinemann African Writers’ Series no mundo de língua inglesa (oito traduções publicadas) são as únicas duas chancelas, entre as que consideramos, exclusivamente dedicadas às literaturas africanas. É importante assinalar que as traduções que integram catálogos de literatura africana não são muitas nem são muito recentes. Heinemann teve uma quebra na produção no final dos anos 80, sendo que seis das oito traduções do português remontam ao primeiro período de atividade antes de a chancela passar por um período de atividade reduzida, mudar de propriedade e ser novamente relançada. Os autores de língua portuguesa publicados na Heinemann são Pepetela (*Mayombe, O Desejo de Kianda e Yaka*), Lília Momplé (*Neighbours*), Luís Bernardo Honwana (*Nós Matámos o Cão-Tinhoso*), Luandino Vieira (*Luuanda*) e Mia Couto (*Vozes Anotecidas, Cada Homem é uma Raça*). Présence Africaine é a gloriosa editora paralela à homónima revista panafricana parisiense (a chancela foi aberta em 1949) e publicou a única tradução do português (*Camaxilo* de Castro Soromenho) em 1956.

Estes dados apontam para uma circulação das letras africanas fora do espaço de língua portuguesa mais ligado à própria língua do que à proveniência geográfica e cultural dos autores: como vimos, são mais os casos de chancelas dedicadas à tradução do português que acolhem autores africanos ao lado de portugueses e eventualmente brasileiros do que as chancelas com foco de atenção em África que acolhem autores africanos de língua portuguesa ao lado de autores de outras línguas. De facto, os tradutores destas literaturas são muitas vezes especializados em língua portuguesa, e não especificamente em Estudos Africanos, e traduzem também obras portuguesas e/ou brasileiras. A língua de partida, portanto, parece continuar a ser o fator mais importante para a determinação do sucesso na circulação internacional da literatura. A

impressão de que muitas destas traduções surgem à boleia do circuito internacional de promoção da língua portuguesa, mais do que propriamente das várias respectivas literaturas, é forte.

Se considerarmos também que em muitos casos o que é privilegiado é a fama do autor, concluímos como de facto não se traduzem cânones ou tradições literárias nacionais, e sim autores avulsos dentro de uma espécie de mega-cânone de língua portuguesa, ou, ainda mais especificamente, de língua portuguesa e do velho mundo, sendo que as estruturas de apoio de Portugal cobrem África, mas deixam de lado o Brasil.

Tabela 6: traduções por editor

Italiano		Francês	
Edizioni dell'Urogallo	18	Chandeigne	12
La Nuova Frontiera	10	Métaillié	12
Edizioni Lavoro	9	Albin Michel	5
Guanda	4	Gallimard	5
AIEP	3	Actes Sud	4
Albatros	3	Éditions Sépia	4
Morlacchi Editore	2	Encre Bleue	3
Sellerio	2	Présence Africaine	2
Besa	1		
Alemão		Inglês	
Unionsverlag	8	Heinemann	8
A1 Verlag	4	Biblioasis	8
Volk und Welt	4	Arcadia Books	4
Brandes & Apsel	3	Serpent's Tail	4
Reclam (Leipzig)	3	Archipelago B.	3
Delta	2	Aflame	2
		Penguin	1
Espanhol		Neerlandês	
El Cobre Ediciones	7	Meulehoff	5
Txalaparta	7	Querido	2
Alfaguara	6		
Ediciones del Bronce	4	Sueco	
Alianza	3	Tranan	7
El taller de poeta	2	Almaviva	5
Letra nómada	2	Panta Rei	5

Conclusões

Esta investigação leva-nos portanto a algumas primeiras conclusões sobre a institucionalização das literaturas africanas em português dentro e fora do espaço da língua portuguesa: vimos como há um circuito estruturado de instituições que trabalham em cadeia, numa espécie de protocolo ou percurso mundializante (ou internacionalmente consagrante), que acaba por ser o mesmo no caso da esmagadora maioria das traduções analisadas, e que essencialmente é

constituído pelos seguintes elementos:

a) chancelas portuguesas que preenchem o vazio que há nos sistemas editoriais africanos e fixam um primeiro cânone de disponibilidade de títulos africanos, com poder consagrante em Portugal e em África. Sucessivamente, as obras já publicadas em Portugal podem ser distribuídas e/ou reeditadas em países africanos de língua portuguesa, como também no Brasil. Outras agências portuguesas, em colaboração e articulação com as editoras, ajudam a primeira fixação deste cânone (jornais literários, revistas, o circuito dos lançamentos em livrarias e nas Feiras do Livro nacionais).

b) entidades públicas portuguesas, que também se substituem a entidades africanas que não atuam ou não têm poder para influenciar a tradução dessas obras (a União dos Escritores Angolanos e a Associação de Escritores Moçambicanos, por exemplo, parecem de todo desprovidas de capital simbólico para fins de internacionalização), através do apoio à tradução mas também na ajuda à comunicação dos cânones já fixados pelas chancelas portuguesas.

d) agências literárias estrangeiras especializadas e bem posicionadas que propõem os títulos às editoras estrangeiras representando os autores nos principais mercados mundiais, com destaque para a posição dominante de um só actor neste mercado (a Agência Mertin de Frankfurt).

e) uma lista desigual de editoras com interesse continuativo nessas literaturas, classificáveis em três categorias: 1. editoras generalistas de referência, que publicaram poucos títulos e geralmente de um dos autores mais representados na nossa lista; 2. editoras mais pequenas, especializadas em traduções em geral ou especificamente a partir do português, em cujos catálogos os autores africanos surgem ao lado de outras propostas portuguesas e/ou brasileiras ou de autores de outros países; 3. editoras cuja linha editorial é focada na proposta de obras africanas, geralmente nos países de língua inglesa e francesa, onde os autores africanos de língua portuguesa surgem em tradução ao lado de textos em língua original e de outros autores traduzidos de outras línguas.

Este circuito é boa expressão, no seu funcionamento, do Espaço Literário Mundial como teorizado por Pascale Casanova, na sua vertente de luta pela hegemonia num sistema periferia/centro. As propostas analíticas de desigualdade e assimetria que animam o trabalho do Warwick Research Collective também são aplicáveis ao caso, no que respeita o paralelismo entre este circuito – surgido a partir dos anos 90 – e os mais recentes desenvolvimentos do capitalismo mundial. Antes dessa data, de facto, as traduções eram accionadas por uma circulação diferente que envolvia diferentes agências e agendas (como tentei demonstrar em apresentação recente em congresso, esboçando o panorama das traduções de autores africanos do português para o italiano e o alemão antes da queda do Muro de Berlim. Nesse caso emergia que o interesse que activava o processo de tradução podia ser a acção institucional de países socialistas, ou das esquerdas ocidentais em solidariedade com os povos do terceiro mundo em luta contra o colonialismo fascista português). Este novo circuito, activo ainda hoje, nasce junto com

a globalização pós-muro de Berlim, acompanhado de alguns fenômenos novos, como: a profissionalização de autores e tradutores e a construção da figura autoral como espetacularização (determinantes parecem ser prêmios, eventos de lançamento e feiras para a tradução e a consagração internacional).

Resulta disso um cânone em tradução dramaticamente reduzido a poucos autores que ocupam boa parte do espaço disponível, em comparação com o *corpus* em língua original, muito mais variado. O *corpus* em tradução resulta ser muito polarizado também em termos de instituições envolvidas: duas chancelas do mesmo grupo em Portugal e uma só agência literária estão por detrás da publicação dos originais e da venda de direitos da esmagadora maioria das traduções publicadas. Esta situação assinala ao mesmo tempo uma profunda assimetria entre os *corpora* de partida e os de chegada, e também a profunda desigualdade em termos de poder entre agentes e instituições portuguesas e europeus face aos congêneres africanos.

Vimos, portanto, como a primeira fixação do cânone dessas literaturas acontece, fundamentalmente, em Lisboa, e como a sua internacionalização é fortemente influenciada por instituições públicas portuguesas, e determinada nos países-alvo por um número bastante reduzido de atores europeus e Norte-americanos. Quer a instituição destas literaturas dentro do próprio espaço de língua portuguesa, quer a sua internacionalização parecem estar firmemente em mãos de instituições do Norte Global.

Se é verdade, por um lado, que o processo de tradução, de (re)leitura e reescrita de uma obra literária fora da sua cultura nacional acarreta uma – até certo limite necessária – operação de desenraizamento e de distorção, por outro lado, o múltiplo posicionamento das obras africanas de língua portuguesa impõe-nos uma revisão da dupla posição dos autores traduzidos como teorizada por Casanova. Essas obras, no Sistema Literário Mundial, teriam, em nosso entender, pelo menos, as seguintes posições relativamente independentes uma da outra:

a) um posicionamento dentro do cânone nacional do país africano em que foram produzidas, com conotações identitárias, como todos os cânones literários nacionais, e institucionalização pedagógica (cfr. TOPA, 2015 e TAVARES, 2016);

b) uma posição dentro do cânone africano disponível em Portugal: filtrados pelas instituições portuguesas, certos autores posicionam-se de forma a possibilitar a sua internacionalização, que pressupõe esta passagem e “certificação” do centro lisboeta;

c) independentemente e à margem da nossa investigação: um eventual posicionamento no cânone de literaturas africanas no Brasil, que, sendo o país de língua portuguesa com o maior número de falantes, tem uma longa e estratificada tradição de recepção e estudo das Literaturas Africanas de língua portuguesa, com uma aceleração nos últimos anos, devido também aos efeitos da Lei 10.639 de 2003 que instituiu a obrigatoriedade do ensino de literaturas e culturas afro-brasileiras e africanas nos currículos escolares e universitários e que contribuiu muito para edição de autores africanos nesse país.

d) finalmente, uma posição no cânone internacional das literaturas africanas de língua portuguesa, dominado por um número muito restrito de autores que acabam por ser de facto os únicos embaixadores de todas estas literaturas no plano global. É de notar que, apesar das diferenças até profundas em certos pormenores na recepção dos vários países, falar de um “cânone internacional de literaturas africanas escritas em português” faz sentido, considerada a sua fundamental uniformidade de fundo: os autores mais traduzidos são os mesmos em todo o lado.

Estas primeiras conclusões não-de levar a mais questionamentos e a ulterior trabalho de investigação a partir da nossa base de dados de traduções. Este artigo deixa por investigar, entre outras coisas, as trajetórias dos tradutores das literaturas africanas em português e o seu papel como agentes consagradores e o papel das instituições académicas portuguesas, brasileiras e de outros países na mundialização destas literaturas.

Referências

BUCAIONI, Marco. **Le letterature dell’Africa lusofona**. Panoramica storico-culturale e critico-letteraria, Perugia, Urogallo, 2015.

CASANOVA, Pascale. **La république mondiale des lettres**. Paris: Seuil, 1999.

CHABAL, Patrick (org.). **The Postcolonial Literature of Lusophone Africa**. London: Hurst & co, 1996.

DAMROSCH, David (org.). **World Literature in Theory**. Malden and Oxford: Wiley-Blackwell, 2014.

DECKARD, Sharae; LAWRENCE, Nicholas. **Combined and Uneven Development**. Towards a New Theory of World-Literature. Liverpool:University Press, 2015.

DUCOURNAU, Claire. **La Fabrique des classiques africains**. Écrivains d’Afrique subsaharienne francophone (1960-2012). Paris: CNRS, 2017.

HEILBRON, Johan. “Structure and Dynamics of the World System of Translation”. **International Symposium Translation and Cultural Mediation**, UNESCO H.Q., February 22-23, 2010.

HELGESSION, Stefan; VERMEULEN, Pieter (orgs.). **Institutions of World Literature: Writing, Translation, Markets**. New York: Routledge, 2016.

LARANJEIRA, José Luís Pires. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Univerisdade Aberta, 1995.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. London and New York: Routledge, 1992.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

PADILHA, Laura Cavalcante (org.). **Lendo Angola**. Porto: Afrontamento, 2008.

RIBEIRO, Margarida Calafate (org.). **Literaturas da Guiné-Bissau**. Cantando os escritos da história. Porto: Afrontamento, 2011a.

RIBEIRO, Margarida Calafate (org.). **Literaturas Insulares**. Porto: Afrontamento, 2011b.

RIBEIRO, Margarida Calafate; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Moçambique - das palavras escritas**. Porto: Afrontamento, 2008.

SALINAS PORTUGAL, Francisco. **Literaturas africanas en lengua portuguesa**. Madrid: Sintesis, 2006.

TAVARES, Ana Paula (org.). **50 anos: Luís Bernardo Hownana, nós matámos o cão-tinhoso: jornada comemorativa**. Lisboa, Fundação Gulbenkian/Theya, 2016.

TOPA, Francisco (org.). **LUUANDA HÁ 50 ANOS**. Críticas, prémios, protestos e silenciamento. Porto: Sombra pela Cintura, 2015.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of Translation**. Towards an Ethic of Difference, London and New York: Routledge, 1998.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**. London and New York: Routledge, 1995.

WA THIONG'O, Ngũgĩ. **Decolonising the Mind**. The Politics of Language in African Literature. Portsmouth: Heinemann Educational, 1986.